

TANCREDO MAIA FILHO

Fotos: Francisco Stukert



O País ficou atônito, em dezembro último, com o resultado do Exame Nacional de Cursos, o Provão. As notas dos estudantes universitários ficaram abaixo do esperado e nenhum curso, exceto o de Odontologia, conseguiu média na prova. Nesta entrevista, o diretor de Avaliação de Ensino Superior do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), Tancredo Maia Filho, diz que as notas refletem a qualidade dos cursos, que estão muito longe do desejado. Ele desfaz as ilusões de algumas pessoas ao afirmar que a Universidade de Brasília não é a melhor do País, e alivia outras ao desmentir a versão de que a Universidade Católica de Goiás é a pior, como foi divulgado recentemente pela mídia. Tancredo Maia ainda defende o Provão e diz que ele está mudando o ensino superior brasileiro.

POR: HELAYNE BOAVENTURA

Os resultados do último Provão deixaram muita gente surpresa com as baixas notas dos alunos, inclusive funcionários do MEC que disseram que a expectativa é de que o índice de acerto ficasse acima dos 40%, o que não aconteceu. Como o senhor analisa esses resultados?

Foi uma obviedade. O resultado do Provão reflete a realidade de nossas instituições, não é que eu esperasse ou não esse resultado, a realidade está aí, estou aqui para mostrar fatos e colocar instrumentos para que os dirigentes das instituições, ao conhecer melhor a sua realidade, tenham mais informações e possam atuar nesta realidade para fazer melhoria. O ensino superior no Brasil, durante muito tempo, foi relegado a segundo plano, ninguém cuidava. Abriam-se escolas de qualquer jeito, a sociedade não conhecia a realidade do que tinha dentro das escolas, existia o pacto da mediocridade e ninguém fazia nada. Desde o primeiro programa de governo do presidente Fernando Henrique estava claro que era importante desenvolver mecanismos de avaliação do ensino superior. Então nós passamos a fornecer à sociedade informações para que ela cobre e as instituições possam fazer a melhoria. Que não está bom, todos nós sabemos, é senso comum que não está bom, as médias foram baixas, mas não vamos ficar em cima de notas, que não é o mais importante. O mais importante é a mobilização feita pela sociedade e pelas instituições.

Alguns dirigentes de universidades particulares que não foram bem no Provão disseram que a culpa foi dos alunos que não tinham comprometimento com a prova, já que eles não são obrigados a se sair bem. O MEC está pensando em desenvolver algum mecanismo para obrigar os alunos a fazer bem a prova?

Isso está na lei. A lei diz que a nota do aluno é sigilosa e só ele tem acesso a essa nota. Se mudar a lei, a gente pode fazer alguma coisa. Se os dirigentes de escola fizerem

alguma pressão para mudar a lei, aí podemos agir. O que o MEC já faz é um trabalho de mobilização dos alunos, nós mandamos três boletins e a revista do Provão para todos os graduandos na sua residência, fazemos este trabalho de mobilização, nós fazemos a nossa parte, e temos conseguido bons resultados, as provas em branco têm diminuído, os alunos cada vez mais estão indo e fazendo seriamente a prova.

Um ranking foi elaborado com dados do Provão e a Universidade de Brasília (-UnB) foi considerada a melhor do País, esta conclusão é correta?

A importância de um trabalho como esse é colocar mais uma informação para a sociedade. O que eu diria é que a Universidade de Brasília se inclui entre as universidades de padrão A do País, mas não diria que é a melhor porque não fizemos este trabalho de hierarquizar as instituições. O reitor da USP (Universidade de São Paulo, que ficou em segundo lugar), professor Jaime, por exemplo, diz que há um equívoco neste ranking, já que a USP tem um número maior de cursos avaliados, e por aí vai. O que eu posso dizer é que a UnB está entre as melhores do Provão, que é a melhor, não.

Por que o MEC não faz um ranking, já que toda a sociedade tem interesse em saber as melhores universidades?

De certa forma, ele faz dos cursos, há um conjunto de cursos que tem conceito A. Não acredito que seja de fundamental importância, porque pode haver diferenças muito pequenas nas notas de cada uma das instituições, o que pode haver distorções quando se faz um ranking desses. Prefiro falar em conjunto de instituições que têm conceito A, o que, de certa forma é um ranking, mas onde não se pode dizer quem é a melhor.

Recentemente a mídia divulgou que a Universidade Católica de Goiás era a pior do Brasil, esta informação é correta?

Não, ela não é verdadeira

porque tem origem em um dado do Inep que não é oficial. O Inep não discrimina a pior nem a melhor instituição nem curso, o que ele faz é definir o conjunto dos conceitos das instituições. A Católica de Goiás, em seu curso de Direito, tirou nota E no terceiro Provão, assim como inúmeras outras tiraram E, mas em absoluto podemos dizer que ela tenha o pior curso de Direito do País. Com certeza não foi do Inep que saiu esta informação.

Como o senhor vê a proliferação de cursinhos voltados para o Provão a que muitas universidades estão submetendo seus alunos antes do exame? Não se pode criar uma indústria como a que existe no vestibular?

Não, porque os dirigentes que estejam investindo nesta forma, estão perdendo tempo e dinheiro porque muito mais importante é investir no curso, que é o curso de graduação, é muito mais consistente, perene, permanente, e não parar para ter um cursinho para o Provão, isso não resolve e não se desenvolverá esse aspecto negativo da indústria do cursinho para o Provão. A prova do Provão é feita para medir as habilidades, a capacidade de raciocínio, e não é a memorização do cursinho que vai ajudar a fazer isso. Eu não tenho nenhuma expectativa negativa de que teremos cursinhos para o Provão.

Ano passado muitos estudantes entraram com recursos na Justiça para terem o direito de fazer a prova porque não foram inscritos por suas universidades a tempo no Provão, e outros ficaram sem fazer a prova. Como o Ministério está se preparando este ano para evitar que isso aconteça novamente?

As inscrições começaram em quatro de dezembro e vão até 28 de março. Obviamente, no princípio as dificuldades são maiores. No primeiro ano, nós tivemos uma série de dificuldades nas inscrições, porque as instituições não estavam preparadas para fazer a inscrição do Provão. Ano a ano a gente vem aperfeiçoando o sistema de inscrição. A novidade que nós te-



mos este ano é que fizemos um pré-cadastro via internet dos interlocutores das instituições, que são os coordenadores dos cursos, ao contrário do ano passado, quando eles foram pegos de surpresa. Este ano, nós temos uma comunicação mais fácil e estamos monitorando o processo de inscrição e a nossa expectativa é que se reduza bastante os problemas.

O Ministério já sabe os próximos cursos a serem incluídos no ano 2000?

Ainda não sabemos. Nós temos até dia 30 de junho para definir essa nova lista. Ainda estamos neste instante fazendo a preparação e o detalhamento do Provão 99.

Quais são as novidades do próximo Provão, e quais os critérios para a inclusão de novos cursos?

Serão três cursos novos: Engenharia Mecânica, Economia e Medicina e a expectativa é que 146 mil alunos façam o Provão este ano. Para incluir os três primeiros cursos, Administração, Direito e Engenharia Civil, havia uma mobilização dos conselhos federais, em entendimentos com o ministro Paulo Renato, sobre a importância de se lançar o Provão com essas áreas. A partir daí há um entendimento com

os conselhos, com as áreas acadêmicas e vai se compondo os segmentos das Humanas, Exatas e Biológicas.

Houve uma reação por parte dos conselhos de Medicina e mesmo das faculdades em relação à realização do Provão para este curso. Eles argumentam que já existe uma avaliação própria e, por isso, a inclusão do curso de Medicina tem sido protelada. Por que o MEC resolveu incluí-lo este ano, as reações diminuíram?

Há uma exigência e uma expectativa da sociedade para que os 86 cursos de Medicina também sejam avaliados. Não existe conflito entre o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Cineaem, que avalia os formandos de Medicina, e faz um trabalho importante e que precisa ser feito, mas que não esgota a questão da avaliação dos cursos de Medicina. O Provão faz uma outra avaliação do curso. Ele pega diretamente a relação ensino-aprendizagem. Já estava na programação do ministro Paulo Renato incluir o curso de Medicina no terceiro Provão (feito em 98) e o Cineaem solicitou ao ministro que não incluísse o curso a fim de apresentar um relatório em que já vinha trabalhando há quatro, cinco

anos. O relatório foi entregue e analisado e nós verificamos que não há um conflito. As avaliações são complementares e quanto melhor for a fotografia melhor a avaliação do curso.

Onze universidades tiraram nota E (péssimo) nos cursos de Administração e Direito durante os três últimos Provões. Isso significa que elas estão a um passo do descredenciamento. Quando isso vai começar a acontecer?

O descredenciamento fica a cargo do Conselho Nacional de Educação, que considerará as várias avaliações, inclusive o Provão, mas ainda estão havendo entendimentos entre o Conselho e o ministro da Educação, que está para baixar uma portaria, homologando um parecer do Conselho para dizer exatamente como será exatamente o descredenciamento. O que eu posso dizer é que essas universidades devem se mobilizar, devem reformular os seus cursos, porque algum problema está acontecendo.

No geral, os protestos contra o Provão diminuíram?

É normal e natural que nós tenhamos resistências nos primeiros anos de qualquer novo processo, e a cada

ano o Provão é novo, já que novos cursos são incluídos, mas, certamente, as resistências diminuíram. Hoje os críticos mais ferrenhos do primeiro ano do Provão já começam a dizer que há críticas a alguns aspectos do Provão, mas que ele é um instrumento importante. Aquele que dizia que o exame não servia para nada, uma grande parcela já diz que serve, e uma parcela menor, que serve se tiver alguns ajustes e é isso que vamos fazer, estamos constantemente fazendo ajustes.

Que mudanças ocorreram no ensino superior depois do Provão, ou ele somente diagnostica a realidade?

É crédito de todo o processo de avaliação, em que está inserido o Provão, a mobilização pela melhoria da qualidade. É isso que o Provão conseguiu colocar na pauta, na agenda nacional a questão do ensino de graduação. Há também uma mobilização na contratação de novos professores por parte das instituições, há toda uma mobilização principalmente por parte das escolas privadas, que são mais ágeis, buscou-se soluções internas para reer o projeto político-pedagógico de forma a se adequar a uma nova realidade.